



“PARECE QUE EU TENHO DUAS IDENTIDADES, E É LINDO! IDENTIDADE SURDA E LGBT! EU SINTO ORGULHO!” LÍNGUA DE SINAIS, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA COMUNIDADE SURDA

"IT FEELS LIKE I HAVE TWO IDENTITIES, AND IT'S BEAUTIFUL! DEAF AND LGBT IDENTITY! I FEEL PROUD!" SIGN LANGUAGE, SEXUALITY AND EDUCATION IN THE CONTEXT OF THE DEAF COMMUNITY

“;PARECE QUE TENGO DOS IDENTIDADES, Y ES HERMOSO! ;IDENTIDAD SORDA Y LGBT! ;ME SIENTO ORGULLOSO!” LENGUA DE SEÑAS, SEXUALIDAD Y EDUCACIÓN EN EL CONTEXTO DE LA COMUNIDAD SORDA

*Cícera Patrine Cunha Flôr¹
Rômulo de Lima Sousa²
Lucas Romário³*

RESUMO

Inserido em uma comunidade surda em um contexto territorial fortemente religioso, em Juazeiro do Norte, região do Cariri cearense, um jovem vivencia a dupla experiência de ser surdo e gay. Com diferentes barreiras enfrentadas, consegue rompê-las em um processo de compreensão de sua sexualidade. Interessante, a história desse sujeito levou ao desenvolvimento deste estudo, que tem como objetivo refletir sobre as vivências de um sujeito surdo e LGBTQIAPN+ na referida cidade. A metodologia se baseou na abordagem qualitativa, utilizando a entrevista semiestruturada como técnica de pesquisa. Os principais resultados apontam que, sem acesso às informações em língua de sinais, o sujeito surdo buscou nas redes sociais e junto às comunidades surdas fora de seu território, visto que a de Juazeiro do Norte se mostrou hostil por questões religiosas, entender a sua sexualidade, conseguindo romper com silenciamentos, aceitando a sua identidade gay e vivenciando-a atrelada à sua identidade surda.

PALAVRAS-CHAVE: Identidades. Sexualidade. Surdo. Gay.

¹ Graduada em Letras-Libras pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Professora substituta do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil.

² Doutorando em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Assistente da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil.

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor Adjunto da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba, Paraná, Brasil.

ABSTRACT

Inserted in a deaf community in a strongly religious territorial context, in Juazeiro do Norte, in the Cariri region of Ceará, Brazil, a young man experiences the dual experience of being deaf and gay. Despite facing many different barriers, he manages to break them, in a process of understanding his sexuality. Proving interesting, this subject's story led to the development of this study, which aims to reflect on the life experiences of a deaf and LGBTQIAPN+ person in said city. The methodology was based on a qualitative approach, using semi-structured interviews as a research technique. The main results indicate that with no access to information in sign language, the deaf subject sought social media and deaf communities outside their territory, as the one in Juazeiro do Norte presented itself hostile due to religious matters, to understand their sexuality, managing to break with instances of silencing, accepting his gay identity, and experiencing it, linked to his deaf identity.

KEYWORDS: Identities. Sexuality. Deaf. Gay.

RESUMEN

Miembro de una comunidad sorda en un contexto territorial fuertemente religioso, en Juazeiro do Norte, en la región de Cariri, Ceará, Brasil, un joven vive la doble experiencia de ser sordo y gay. A pesar de enfrentar diversas barreras, logra superarlas en un proceso de comprensión de su sexualidad. La historia de este sujeto es interesante y motivó el desarrollo de este estudio, cuyo objetivo es reflexionar sobre las vivencias de un sujeto sordo y LGBTQIAPN+ en esa ciudad. La metodología se basó en un enfoque cualitativo, utilizando como técnica de investigación la entrevista semiestructurada. Los principales resultados indican que, sin acceso a la información en lengua de señas y considerando que la comunidad sorda de Juazeiro do Norte era hostil por motivos religiosos, el sujeto sordo buscó comprender su sexualidad en las redes sociales y con comunidades sordas fuera de su territorio de origen, logrando romper con los silencios, aceptando su identidad gay y viviéndola ligada a su identidad sorda.

PALABRAS CLAVE: Identidades. Sexualidad. Sordo. Gay.

Introdução

A cultura surda se manifesta por meio de diferentes artefatos culturais (Strobel, 2013), mas a língua de sinais pode ser considerada a sua mais explícita manifestação, pois permite que a pessoa surda se expresse em sua língua natural, uma língua visual, dando significado ao mundo. Ela constrói a sua cultura na relação com os seus pares surdos, na comunidade surda, nos movimentos sociais surdos, que atravessaram décadas de lutas até conseguirem se construir politicamente.

A luta mais antiga da comunidade surda é pelos direitos linguísticos, contudo, dentro das lutas pelo direito à língua, outras questões identitárias não podem ser desconsideradas nos dias atuais, sob pena de se ignorar as diferenças dentro das diferenças (Scott, 1999). A sexualidade é uma dessas questões que, muitas vezes, acabam não recebendo a devida atenção diante da força da opressão linguística que sofrem os(as)

surdos(as). No entanto, é urgente a sua inclusão nas discussões, haja vista sua importância.

O interesse pelo desenvolvimento desta pesquisa surgiu na convivência com a comunidade surda de Juazeiro do Norte, CE, na qual foram percebidas posturas estigmatizantes quando se trata de pessoas surdas LGBTQIAPN+.⁴ Em um dado episódio, o sujeito escolhido para este estudo, surdo e gay, não queria a sua identidade surda vinculada à sua identidade sexual. Sua postura se pautava pelo medo de ser excluído por sua própria comunidade.

Diante desse contexto, surgiram as indagações que norteiam a presente pesquisa, tais como: como o sujeito surdo gay vivencia as relações com os seus pares na comunidade surda de Juazeiro do Norte? Como ocorreu o seu processo de construção identitária e como a comunidade surda à que pertence lidou com a sua sexualidade? O sujeito surdo gay teve apoio e acesso a questões relacionadas à sexualidade?

No intuito de responder aos questionamentos que nortearam esta pesquisa, traçou-se como objetivo refletir sobre as vivências do sujeito surdo e LGBTQIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte, CE.

Na condução deste estudo, utilizamos autores(as) que se ancoram no campo dos Estudos Surdos e dos Estudos Culturais, como Strobel (2013), para abordar a questão da cultura surda; Perlin (1998), que estabelece um diálogo entre cultura surda e identidades surdas; Hall (2011), referência teórica sobre as identidades; Mateus (2022), que trata da interseccionalidade; Nascimento (2022) e Silvestre (2014), que discutem sobre as duas identidades, surda e LGBTQIAPN+; Abreu e Silva (2013), Leite Junior, Oliveira e Cavalcante Junior (2021), que nos auxiliam a entender a educação sexual.

Para alcançarmos o objetivo, utilizamos a abordagem qualitativa, o que nos possibilitou refletir sobre os sentidos e as realidades das mais variadas vivências surdas. Para tanto, recorreremos à entrevista semiestruturada realizada em Língua Brasileira de Sinais (Libras), para que o sujeito entrevistado pudesse se sentir livre para se expressar em sua própria língua.

É pertinente ressaltar que esta pesquisa se mostra relevante para a comunidade surda de Juazeiro do Norte e para a região do Cariri (à qual a cidade pertence), pois busca dar visibilidade à vivência do ser surdo LGBTQIAPN+ na comunidade local. Ademais, fomenta discussões para pessoas que estão duplamente à margem, muitas vezes

⁴ LGBTQIAPN+ é o acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transexuais, *Queer*, Intersexuais, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, não binárias e mais.

deslocadas não por opção, mas por falta de acesso e abertura para falar sobre as suas vivências e experiências na sociedade em geral ou em seu próprio grupo cultural.

Caminhos teóricos

Ao pensarmos em cultura surda, pensamos nas produções vivenciadas por meio da experiência visual (Perlin; Miranda, 2003) e da língua de sinais (Strobel, 2013), por meio das quais as pessoas surdas expressam suas experiências, compartilhadas na identificação com os seus demais pares surdos, assim como afirma Strobel (2013, p. 25): “[...] o essencial é entendermos que a cultura surda é como algo que penetra na pele do povo surdo que participa das comunidades surdas, que compartilha algo que tem em comum, seu conjunto de normas, valores e de comportamentos”.

A produção de cultura depende da partilha entre um povo. Para o povo surdo (Strobel, 2013) isso é muito valioso, principalmente porque perpassa gerações transmitindo a língua de sinais e todos os seus artefatos culturais. Segundo Strobel (2013, p. 24):

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo.

Além da experiência visual e da língua de sinais como os elementos mais representativos artefatos da cultura surda, Strobel (2013) aponta que, a partir deles, as pessoas surdas ainda apresentam outros artefatos, como a literatura surda, a vida social e esportiva, as artes visuais, a política, as produções materiais e os arranjos familiares. Esses fatores, por sua vez, relacionam-se com outras nuances identitárias, contribuindo para a construção da identidade da pessoa surda, como é o caso da sexualidade. A língua de sinais, por exemplo, é o meio comunicativo com que os conhecimentos chegam à pessoa surda, bem como o canal de expressão de seus pensamentos, sentimentos, emoções, desejos, etc.

Essa construção de identidade não é fixa (Hall, 2011), ela é moldada em meio às relações sociais com os pares, que possuem uma diversidade identitária também. Segundo Perlin (1998), existem diferentes identidades surdas, a saber: identidades surdas políticas, identidades surdas híbridas, identidades surdas flutuantes, identidades surdas embaraçadas, identidades surdas de transição, identidade surda diáspora, identidade surda

intermediária, demonstrando que as identidades surdas são múltiplas, e não estáticas. Para a autora, “[...] a identidade é algo em questão, em construção, uma construção móvel que pode frequentemente ser transformada ou estar em movimento e que empurra o sujeito em diferentes posições” (Perlin, 1998, p. 52). Como dito, essa construção se dá por meio da experiência visual, com o contato com grupos com os mesmos interesses, hábitos e costumes.

Nesse contato, pode haver identidades que se entrecruzam por meio dos recortes da raça, da sexualidade, do gênero, da etnia, da deficiência, do território, etc. Essas identidades, por sua vez, são indissociáveis da questão da diferença (Silva, 2011), por serem dissonantes das identidades socialmente aceitas e normalizadas, sendo consideradas, portanto, a própria diferença. Quando essas identidades/diferenças se entrelaçam, podemos pensá-las a partir da ferramenta analítica da interseccionalidade, como afirma Mateus (2022, p. 18):

[...] a interseccionalidade é uma ferramenta analítica muito importante, porque permite que o estudo de um problema antes apenas visto a partir da perspectiva de gênero, por exemplo, passe a ser analisado através da intersecção entre gênero, raça e classe - dentre outras relações.

Ao refletirmos sobre a produção dos discursos em torno da intersecção entre a condição surda e a sexualidade, por exemplo, podem vir à tona várias questões presentes na sociedade. Uma delas é a lente biológico-clínica, que embasa essa produção. Historicamente, as pessoas surdas, bem como qualquer pessoa LGBTQIAPN+, têm a sua condição analisada sob a lente biológico-clínica, sendo vistas como pessoas doentes e anormais, como afirma Boaventura (2018, p. 2):

Assim como as identidades Surdas, a identidade homossexual teve sua alteridade construída embasada no discurso clínico-terapêutico. Uma vez que a heterossexualidade foi entendida historicamente como algo determinado pela natureza, fator que levou a categorizar comportamentos dos sujeitos em masculinos e femininos.

Pessoas surdas tiveram suas histórias reduzidas à questão biológica, que reduz severamente suas vontades e seus desejos, como afirmam Leite Junior, Oliveira e Cavalcante Junior (2021, p. 5):

[...] a construção social da representação dos surdos geralmente é vinculada à limitação biológica, no caso, o sujeito e seus processos de subjetivação são reduzidos à deficiência, excluindo-se, principalmente pelo adulto ouvinte, outras possibilidades de subjetivações.

Contudo, a comunidade surda, bem como a LGBTQIAPN+, tem resistido a estas imposições e opressões sofridas ao longo dos anos, como afirma Boaventura (2018, p. 4):

Assim como o sujeito Surdo, o sujeito gay, também está em um campo de resistência e em constante disputa de poder nas diversas instituições sociais, considerando que ambos se encontram no campo da Diferença, e essas disputas devem ser colocadas em destaque com o intuito de realizar uma reflexão sobre a existência e resistência do Surdo gay no contexto de uma maioria ouvinte que produz e reproduz padrões de uma cultura heteronormativa e hegemônica.

Ao diferir do padrão (ouvinte e heterossexual), a pessoa surda LGBTQIAPN+ tem suas identidades silenciadas duplamente. Boaventura (2019) afirma que surdos gays são subordinados e discriminados duplamente: pela cultura ouvinte e pela heteronormatividade, ambas baseadas em padrões de normalidade. Para o autor, isso acentua a subordinação e marginalização de suas identidades sob o manto da homofobia e do ouvintismo. Diante disso, Nascimento (2022, p. 108) aponta que

Ser gay ou lésbica ganha uma outra dimensão quando o corpo que vivencia essa estrapólia do existir é também o corpo que já extrapola o mundo ouvinte. Além de surdo, bicha! Além de surda, sapatão! Esses termos não raramente pronunciados em tom pejorativo, são revestidos pela afirmação da experiência de ser gay e lésbica e materializados nas atividades políticas, sociais e culturais [...].

Nascimento (2022, p. 100) acrescenta que “[...] a história dos surdos é marcada por anônimos, silenciados e esquecidos e para além disso, raramente, toca-se em questões da sexualidade dessas pessoas”. Esse silenciamento em específico se dá pelo fato de o sujeito surdo LGBTQIAPN+ também não se enquadrar no padrão cis-heteronormativo,⁵ como reitera Silvestre (2014, p. 110):

É possível imaginar alguém dizendo "além de surdo, é gay", mas não porque abomina a surdez do mesmo modo que abomina a homossexualidade e, sim, porque entende a surdez como um defeito, ao passo que a homossexualidade se constitui como uma abominação. Penso que, nesses casos, a pessoa pode ter sua sexualidade negada, ou anulada (pelo outros) por se tratar de uma deficiência (aquela velha história de anormalidade, deficiência e coisas do tipo). Seria, portanto, um desprezo pela deficiência ou julgamento de anormalidade do outro sustentado com a abominação à homossexualidade.

⁵ Cis-heteronormatividade: a heteronormatividade só pode ser nomeada dessa forma por se assentar sobre uma base discursiva de cis-heteronormatividade. Todo o sistema de relações de poder baseadas na heterossexualidade dos corpos pressupõe, antes, que esses corpos sejam cisgêneros (Rosa, 2020).

O silenciamento⁶ da pessoa surda LGBTQIAPN+ dá-se a partir da sua dupla experiência identitária, e não apenas pelo preconceito, pela discriminação ou pelo desprezo, pois ocorre também pela falta de acesso às informações sobre o tema, por uma questão linguística. Até mesmo a possibilidade de a pessoa surda combater e romper com esse ciclo só é possível a partir da acessibilidade de informações, reforçando a importância da Libras para ela. Para Boaventura (2019, p. 4): “[...] questões que tragam para o debate a importância da língua no processo de construção de identidade surda e consequentemente na sexualidade possuem grande relevância”.

Confirmando essa situação de ausência de informações, Bisol (2008) afirma que a pessoa surda não dispõe de espaço proveitoso na família para dirimir suas dúvidas em torno da sexualidade, tendo em vista que, na maioria dos casos, há barreiras na comunicação pelo fato de ela não dominar a Libras de forma satisfatória. Por isso, a escola pode ser um espaço de informações e de conhecimento, considerando o convívio com adultos(as) surdos(as) e ouvintes bilíngues. Portanto, o espaço escolar se torna fundamental nesse processo de descoberta. Contudo, como alertam Abreu e Silva (2013, p. 9):

A diversidade sexual tende a ser inviabilizada, sendo escassamente tematizada como conteúdo didático nas escolas e espaços formativos e, frequentemente, a homofobia é subestimada em seus efeitos negativos aos sujeitos homossexuais. A solidão é um desdobramento marcante da homofobia, dessa forma, a pessoa homossexual acaba por ficar a margem do seu grupo social, comprometendo sua convivência com os demais.

Os espaços escolares precisam ressignificar as formas com que esses debates são construídos. Nesse sentido, Leite Junior, Oliveira e Cavalcante Junior (2021) afirmam que, por ser plural e dinâmico, o espaço escolar possibilita o reconhecimento e a reconstrução de questões que favoreçam as relações de gênero e sexualidade, buscando a igualdade e equidade na comunidade da escola e combatendo as desigualdades, a exclusão, o preconceito e a violência. Dessa forma, a escola se torna imprescindível, desde que os(as) profissionais e professores(as) estejam capacitados(as) para atender a essas especificidades. Diante desse contexto, Leite Junior, Oliveira e Cavalcante Junior (2021, p. 8) declaram que

⁶ A escolha do termo é provocativa, por sua forma polissêmica, pois a sociedade pensa que a pessoa surda vive no mundo do silêncio, desconsiderando sua língua e sua experiência visual. Neste texto, porém, o termo é exclusivamente usado para visibilizar o que a sociedade faz com as pessoas surdas.

As discussões na escola são importantes para os jovens criarem seus próprios entendimentos, tendo suas próprias concepções das temáticas, sempre lembrando que o mediador, no caso o professor, não é um transmissor e sim um provocador de ideias, que deve constantemente desconstruir mitos e ideias e fazer brotar novos pensamentos nos alunos, tendo como pano de fundo a ciência. Para as provocações dos mediadores sobre sexualidade, é sempre importante que o mediador esteja atento e buscando saber quais as principais fontes que levam a informação para estes jovens.

Há a necessidade de que esses(as) profissionais conheçam a língua de sinais, para que, no repasse de informações e debates sobre sexualidade, os(as) surdos(as) possam sentir segurança e conforto ao se expressarem na sua língua natural. Todavia, esta não tem sido a realidade dos(as) professores(as) brasileiros(as). Conforme Leite Junior, Oliveira e Cavalcante Junior (2021, p. 8): “[...] o professor não tem uma boa formação em Libras e nem a formação para o trabalho em sala de aula com sexualidade e gênero, assim como também não tem fundamentação teórica na sua formação inicial e continuada, para o entendimento do aluno surdo”. Essa lacuna formativa reflete-se na forma como esse jovem irá se reconhecer e compreender a sua identidade, em razão da falta de informação e conhecimento, bem como de relações sociais com seus pares.

Assim como na escola, na comunidade surda, muitas vezes, a pauta linguística e da identidade surda são hegemônicas, ignorando o fato de outras identidades as atravessarem, talvez por falta de formação também das lideranças. Dessa forma, essa discussão interseccional é essencial para a plena vivência da pessoa surda, bem como para o enriquecimento das discussões na comunidade surda brasileira.

Caminhos metodológicos

A presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, uma vez que não se concentra em expressões numéricas ou em amostragens extensas de eventos, mas sim na descrição desses fatos, explorando seus processos e significados subjacentes. De acordo com Silveira e Córdova (2009, p. 32),

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

Este estudo busca refletir sobre as vivências do sujeito surdo e LGBTQIAPN+ na cidade de Juazeiro do Norte, CE, parte integrante da comunidade surda e constituinte de

uma minoria linguística. Para tanto, a pesquisa foi iniciada com a busca por artigos no Google Acadêmico, utilizando os seguintes descritores: “interseccionalidade”, “surdez”, “sexualidade”, “surdos gays”, “surdas lésbicas”, “surdos LGBTQIAPN+”. Nessa busca, foram encontrados apenas dez artigos que serviram para as discussões aqui apresentadas. Percebe-se, portanto, a escassez de literatura bibliográfica já publicada sobre o assunto.

O critério de seleção do participante da pesquisa foi a sua condição identitária: sujeito surdo de Juazeiro do Norte e que se identifica enquanto surdo e LGBTQIAPN+, além de estar disposto e confortável para relatar sua vivência. Objetivando preservar a imagem do entrevistado, adotamos o pseudônimo “Paulo Gustavo”.⁷

Para a obtenção e coleta dos dados, foi realizada, no dia 6 de outubro de 2023, uma entrevista semiestruturada em Libras, durante a qual o entrevistado teve livre acesso às perguntas, respondendo-as como desejasse. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 72): “[...] o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal”.

O local escolhido foi o Laboratório de Prática e Edição de Vídeo em Libras (LEPEVLibras) do curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Contamos com o apoio do estagiário do laboratório, que montou os equipamentos de luz contínua e posicionou a câmera modelo Canon EOS T6I Rebel. A entrevista durou 17 minutos. Após o vídeo ser transferido para um computador, a entrevista foi traduzida e transcrita para a Língua Portuguesa na modalidade escrita. Ressalta-se que, antes do início da entrevista, o sujeito entrevistado assinou um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e o estudo passou pela avaliação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Na seção a seguir, discutiremos os dados coletados em nossa entrevista, analisando-os em articulação com o referencial teórico escolhido para embasar o estudo.

⁷ A escolha foi motivada pelo fato de Paulo Gustavo ter sido um ator e humorista gay, que faleceu no ano de 2021, vítima da Covid-19, e ter se tornado uma figura representativa para a comunidade LGBTQIAPN+, levantando discussões por meio de sua arte. Ademais, pelo seu destaque na cultura brasileira, o ator foi homenageado pela Lei Complementar (LC) nº 195, de 8 de julho de 2022, que leva seu nome (Lei Paulo Gustavo). Seu objetivo é destinar verbas para a classe artística e cultural, tendo como um de seus princípios o direcionamento de 10% da verba à acessibilidade (Brasil, 2022).

Ser surdo, língua de sinais e sexualidade

Com o intuito de compreender a relação e o contexto de Paulo Gustavo com a Libras, perguntamos inicialmente se ele tinha nascido ouvinte ou surdo e onde ele aprendeu Libras. Paulo Gustavo respondeu:

“Eu nasci surdo, normal, não tive doença, nasci normal. Aprendi Libras com 12 anos. Atrasado. Eu comecei na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae), havia muitos surdos, tive contato com a Libras” (Paulo Gustavo, 06/10/2023).

Nesse trecho da fala de Paulo Gustavo, é possível perceber que, apesar de o uso do termo “normal” suscitar diversas discussões complexas, em suma, ele não vê a sua condição surda como um problema. Sua fala também demonstra a aquisição tardia da língua de sinais, bem como sua inserção na comunidade surda, aos 12 anos de idade. Contudo, ele ressalta que foi por meio do contato com outros(as) surdos(as) que teve contato com a sua língua natural. Segundo Perlin (2000, p. 24):

O contato do sujeito surdo com as manifestações culturais dos surdos é necessário para a construção de sua identidade, caso contrário, sua experiência vai torná-lo um sujeito sem possibilidades de autoidentificar-se como diferente e como surdo, ou seja, com determinada identidade cultural. A sua identificação vai ocorrer como sendo um sujeito deficiente.

Estar junto com outros(as) surdos(as) fez com que Paulo Gustavo se desenvolvesse em língua de sinais. Isso evidencia a importância de oportunizar o contato com a Libras por meio do convívio com a comunidade surda, a fim de possibilitar o desenvolvimento social e cognitivo da pessoa surda e assim potencializar sua autodescoberta. Para Strobel (2013, p. 53), a língua de sinais “[...] é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, e que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal”. Paulo Gustavo, por exemplo, aponta a sua relação inicial com a Libras e com a Língua Portuguesa:

“Foi tranquilo aprender Libras, porque eu sou surdo e a Libras é visual, então eu aprendi naturalmente, a minha dificuldade foi em relação ao português, porque eu precisava me esforçar para poder aprender, estudar, escrever e entender” (Paulo Gustavo, 06/10/2023).

De todas as questões que permeiam a relação das pessoas surdas com as ouvintes em sociedade, talvez a linguística talvez seja a principal. Isso tem implicações em todos os aspectos das relações. Por isso, a questão da sexualidade, não obstante esteja ligada

aos sentidos, aos desejos e às emoções, está ligada também a uma questão linguística, pois a língua, enquanto canal de comunicação de informações abstratas, é o que nos permite compreender claramente quem somos, o que sentimos e o que desejamos. A partir desse pressuposto, é importante compreender se e como as questões de sexualidade chegaram até Paulo Gustavo:

“Então, na verdade, eu aprendi tarde; as informações demoraram para chegar. porque eu me escondia, eu tinha medo, então eu não falava que gostava de homem. Eu tinha medo, e aí demorou. Depois, eu fiquei curioso sobre o tema da sexualidade, e aí eu pesquisei, entendi sobre o que era sexualidade, entendi o que era ser bi, o que era ser gay, e aí eu fui vendo esses temas sobre a comunidade LGBTQIAPN+, e aí eu entendi” (Paulo Gustavo, 06/10/2023).

A resposta de Paulo Gustavo aponta uma realidade comum a surdos(as) e a ouvintes: a ausência de discussões sobre as questões de gênero e sexualidade. Contudo, inferimos que, no caso das pessoas surdas, isso pode ser agravado pela questão linguística, visto que a troca informação não acontece: nem pela via direta, por meio da língua de sinais, pelo fato de a família geralmente não dominar a língua de sinais e, mesmo que domine, dificilmente tocar no assunto, como acontece na maioria das famílias, tampouco pela via indireta, quando os materiais informativos são em Língua Portuguesa, sem acessibilidade em Libras, no caso de surdos(as) que não dominam ou dominam pouco o português.

No que diz respeito a Paulo Gustavo, destaca-se a sua busca por informações, apesar do preconceito enfrentado, que provavelmente o fez se esconder da temática e de si próprio até então. Cabral e Dias (2022, p. 114) afirmam que [...] muitos surdos LGBTQIA+ dizem ter demorado a entender sua orientação sexual e/ou identidade de gênero porque não havia informação a esse respeito”. Esse assunto, inclusive, já foi mencionado por um youtuber surdo e gay, Léo Viturino,⁸ em seu canal na plataforma (Vitturino, 2019).

Por ser bilíngue, Paulo Gustavo pode buscar informações em Língua Portuguesa, mas fica evidente em sua fala a importância de que a comunicação ocorra em Libras, assim como aconteceu com ele:

⁸ Léo Viturino é uma figura representativa na comunidade surda. Ele disponibiliza uma série de vídeos em Libras, para que a comunidade surda compreenda melhor os termos, os conceitos e as questões de sexualidade, já que ele, enquanto sujeito surdo e pertencente à comunidade LGBTQIAPN+, percebe a dificuldade de informações entre seus pares.

“Então eu sou muito curioso, com essa curiosidade eu fui explorar, então pesquisei na internet, tem famosos surdos no YouTube. Por exemplo: Leo, Damião e vários outros. E eu vi o que significava, estudei, estudei e me olhei, me perguntei: porque esconder, pra quê? Tempo perdido, pra que esconder? É minha vida, eu quero ser feliz igual às outras pessoas e aí eu comecei a me interessar pelo tema da sexualidade, pesquisar e entender para me desenvolver melhor. Tem informações sobre sexualidade na internet, mas também tenho amigos surdos, eu sempre viajo pra Pernambuco, Fortaleza, João Pessoa. Tenho amigos surdos que foram me explicando vários temas e essas informações”. (Paulo Gustavo, 06/10/2023).

A Libras, como a primeira e natural língua das pessoas surdas, é o canal mais efetivo de acesso às informações para elas. Como mencionado anteriormente, possibilitar discussões em Libras que giram em torno da sexualidade é algo fundamental para o público surdo, tendo em vista que a Língua Portuguesa é a segunda língua para a maioria deles(as) e que os métodos educacionais costumam não levar as singularidades linguísticas surdas em consideração, prejudicando sua aprendizagem.

No que diz respeito à educação, tem-se falado sobre sexualidade para as pessoas surdas na escola? Considerando que esse é um espaço em que a presença de intérpretes de Libras comumente é uma realidade na atualidade, em razão da política de educação inclusiva, Paulo Gustavo teria tido acesso a informações relevantes sobre essa temática? Na seção a seguir, faremos uma discussão acerca de sua experiência no contexto educacional.

Por uma educação sexual com acessibilidade linguística

Ao responder se o tema da sexualidade havia sido apresentado, discutido ou problematizado em seu processo escolar, Paulo Gustavo enfaticamente responde:

“Na escola NUNCA me ensinaram! Infelizmente, na escola, não ensinaram sobre pessoas LGBTQIAPN+. Eu não sabia que existiam, aprendi sobre saúde, sobre, por exemplo, a AIDS, a sífilis, isso eu aprendi, mas só isso” (Paulo Gustavo, 06/10/2023).

Conforme a resposta de Paulo Gustavo, percebe-se a ausência de debates sobre sexualidade no ambiente escolar por ele vivenciado. Esse silêncio sobre a sexualidade na escola significa um vácuo pedagógico importante na formação de jovens, que os alija de informações fundamentais para o seu desenvolvimento integral, pois, sem o conhecimento acerca de sua própria sexualidade, certamente sua formação fica prejudicada. Junqueira (2009) aponta que a escola é uma instância poderosa de produção

de lógicas homofóbicas, por isso a discussão sobre a temática da sexualidade é muito importante para a promoção de um ambiente mais inclusivo. Contudo, para o autor:

A escola apresenta muita dificuldade no trato da orientação sexual e de identidade de gênero, mostrando-se muitas vezes insegura e perdida diante das cenas que não estão presentes em seus manuais. Neste sentido, reifica os modelos sociais de exclusão por meio de ações de violência (discriminação e expulsão) ou de descaso, fazendo de conta que nada está acontecendo (não escuta as denúncias da dor da discriminação). (Junqueira, 2009, p. 245).

O autor argumenta que a ausência de diálogo sobre sexualidade prejudica a inclusão e a qualidade do ensino, criando um ambiente em que a discriminação pode prosperar. A abordagem adequada desse tema é fundamental para a formação cidadã mais consciente e respeitosa em relação à diversidade sexual (Junqueira, 2009). Todavia, isso ocorre pelo fato de a escola conceber “[...] uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico (Louro, 2003, p. 45-46). Há, portanto, um conservadorismo na escola que se agrava quando se trata do tema da sexualidade.

Contudo, essa não deveria ser uma temática em que os(as) professores(as) se furtam a tocar. Freire (2015) defende que a educação deve ser um ato de libertação, portanto os(as) professores(as) não podem excluir questões essenciais para a vida dos(as) estudantes, entre as quais a sexualidade. O patrono da educação brasileira argumenta que a escola tem a responsabilidade de fomentar espaços dialógicos e de reflexões críticas, nos quais os(as) jovens tenham a oportunidade de questionar, aprender e desenvolver um entendimento alargado e respeitoso sobre a sexualidade e as relações sociais.

Destaca-se, nesse caso, que a lacuna de conhecimento sobre sexualidade é para estudantes surdos(as) e ouvintes. Contudo, a tentativa de preenchimento dessa lacuna tem se dado por meio de uma perspectiva que reduz a sexualidade a um conjunto de riscos à saúde, desconsiderando as possibilidades e complexidades que a envolvem. Não obstante a importância de ensinar sobre a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), uma abordagem de via única pode ser também instrumento de repressão das múltiplas identidades sexuais. Paulo Gustavo assim se pronunciou sobre a abordagem escolar acerca do assunto:

“Sim, sobre doenças, então eu aprendi como evitar, evitar, evitar, sempre com medo. Então, eu não entendia as informações, principalmente sobre LGBTQIAPN+, nem o que eram ou o que significavam. Eu sempre via as pessoas surdas e ouvintes sentindo

orgulho, felizes, mas eu não eu não era feliz, porque eu me escondia” (Paulo Gustavo, 06/10/2023).

Essas informações, voltadas apenas à prevenção de ISTs, serviram para suscitar o medo em Paulo Gustavo, ligando as expressões da sexualidade a doenças. Essa postura ideológica que a escola assume pode acarretar consequências devastadoras para a vivência da sexualidade do sujeito surdo. A abordagem sobre a sexualidade para as pessoas surdas – aliás, para todas as pessoas – deve ser holística e ampla, visando ao conhecimento e ao respeito à diversidade de gênero e sexual, ao consentimento de todos os sujeitos envolvidos no relacionamento sexual, ao prazer e ao acesso aos serviços de saúde reprodutiva e sexual. A abordagem deve levar em conta ainda a concepção da sexualidade como aspecto natural e saudável da vida, estimulando uma educação em saúde sexual positiva e com inclusão.

Destarte, é crucial que práticas pedagógicas que versem sobre gênero e sexualidade – bem como sobre raça, etnia, deficiência, classe, entre outros temas caros a uma sociedade inclusiva – sejam desenvolvidas também em Libras. Com uma formação sólida e despida do conservadorismo, é possível desenvolver uma educação sexual qualificada para as pessoas surdas. Witches (2017) defende a ideia de que os profissionais atuantes na educação de surdos(as) devem abordar temas que façam parte do centro de interesse de seus(suas) educandos(as), como gênero e sexualidade, mas sem torná-los objeto de polêmica. Essa abordagem pedagógica, segundo o autor, deve considerar a diferença linguístico-cultural dos(as) estudantes surdos(as):

A fluência em língua de sinais é fundamental para que essas discussões aconteçam da forma mais adequada à comunidade surda usuária dessa língua. Além disso, a produção de materiais pedagógicos em língua de sinais que abordem essas questões também pode ser pensada como um elemento essencial para que o trabalho educativo com surdos se qualifique. (Witches, 2017, p. 86).

Ao implementar uma educação sexual em Libras para as pessoas surdas, a escola estaria desempenhando um papel essencial na desconstrução da histórica repressão sexual, comum a todas as pessoas, e promovendo uma cultura de respeito à diversidade de gênero e sexual. Ao educar com informações claras, inclusivas e baseadas no respeito aos direitos humanos, a escola forma pessoas surdas para a compreensão e celebração da sexualidade de forma saudável e responsável. Além disso, contribui para a desmistificação de tabus em torno do sexo e da sexualidade, permitindo que os sujeitos

surdos vivenciem seus desejos, suas necessidades e seus limites de forma assertiva, além de promover a conscientização acerca da obrigatoriedade do consentimento, prevenindo e combatendo abusos sexuais. Com isso, contribui para uma sociedade mais segura para todas as pessoas.

Por não ter tido acesso às informações por meio de uma educação sexual global e inclusiva, Paulo Gustavo sofreu as consequências de uma sociedade preconceituosa e repressora, como podemos ver em suas falas na seção a seguir.

Medo, preconceito e religião: os silenciamentos do jovem surdo gay na comunidade surda

A construção da identidade sexual vai além dos desejos, das emoções e dos sentimentos, é uma construção histórica e social (Louro, 1997). O modo como a sociedade lida com as identidades sexuais consideradas fora do padrão exerce impacto sobre a maneira com que o sujeito constrói e expressa sua própria identidade sexual. Infelizmente, porém, na maioria das vezes, essa construção, que deveria ser sadia, acaba sendo reprimida pelas imposições sociais. No que concerne à sua sexualidade, Paulo Gustavo identifica-se da seguinte forma:

“Eu sinto que eu sou gay, normal, porque eu sinto atração por homem, eu não sinto atração por mulher. Antes, quando eu tinha 20 anos, eu comecei a namorar com uma mulher surda, a gente namorou, mas parecia que eu estava desviando, eu ficava olhando homens e mulheres, ficava em dúvida, porque eu tinha medo. Então demorou, mas agora é certo, eu sinto atração por homens, antes tinha medo de falar, mas hoje eu consigo dizer que eu sinto atração por homens”.

As experiências relatadas acima são de uma pessoa que viveu imersa em um ambiente heteronormativo e taxativo, o que quer dizer que não havia espaço para pensar e refletir sobre a sua diferença e identificar-se com ela, devido a questões que o amedrontavam. É possível perceber que suas duas identificações identitárias, surdo e gay, ocorreram de forma tardia em sua vida. Romário (2018, p. 22) afirma que, “[...] embora a construção de identidades ocorra desde o nascimento, o processo de construção de identidades surdas em crianças é procrastinado visto que a maioria delas é filha de famílias ouvintes e se relaciona tardiamente com outras pessoas surdas”.

Assim como acontece com pessoas LGBTQIAPN+ ouvintes, pessoas surdas, muitas vezes, demoram a se compreender como tal. A nosso ver, isso se dá por um silenciamento discursivo sobre a condição surda e sobre a sexualidade, que as priva de se

compreenderem a si próprias. Por que teria demorado para Paulo Gustavo ter informações sobre sexualidade? Por que isso ocorrera através dos meios de comunicação e de seus pares surdos fora de Juazeiro do Norte? Quais seriam os motivos? Em suas próprias palavras:

“O medo vem da religião. Eu ia à igreja, participava, e era sempre com muito medo. Eu sentia que eu precisava esconder e eu via as pessoas falando que era pecado, que ia para o inferno junto com o capeta. Então, eu estava com muito medo, me tremendo, com muito medo mesmo. Falava: – ‘Não, não sou gay não, sou hétero’. Com isso, as pessoas me olhavam e achavam que era normal, eu sou um homem normal, eu fiquei mais aliviado. O tempo foi passando, demorou um pouco e eu comecei a ficar muito ansioso. Comecei a sofrer bastante, mas eu consegui continuar participando da igreja, orava e adorava o Senhor, mas, ao mesmo tempo, eu vi aquela minha outra realidade que eu estava escondendo fiquei dividido entre os dois, isso não é bom. Não é bom”.

O medo de Paulo Gustavo foi construído pela influência religiosa sobre sua vida. A religião da qual participava, provavelmente, doutrinava as pessoas com quem ele convivia, fazendo com que elas transmitissem a ele uma perspectiva punitiva com relação à expressão da sexualidade homossexual. Melo (2021, p. 24) declara que “[...] a religião também tem seu papel quando se fala de intolerância. Apesar de vivermos em um país laico, a religião ainda serve como uma ferramenta de opressão, usando justificativas remotas para restringir a sociedade com o ideal de céu e inferno”.

O recorte da religião merece ser destacado, pois o contexto religioso do município em que Paulo Gustavo vivia precisa ser considerado; além do mais, a comunidade surda tem uma relação histórica com a religião. A cidade de Juazeiro do Norte, na região do Cariri, sul do estado do Ceará, foi fundada por Padre Cícero (1844-1934). Também conhecido como “Padim Ciço”, o religioso católico atualmente encontra-se em processo de beatificação pelo Vaticano, mas, muito antes disso, há décadas, já atraía milhares de pessoas a Juazeiro do Norte, fazendo da cidade um polo de turismo religioso, com fortes tradições e economia movimentada. Por isso, a cidade possui uma influência religiosa substancial, de todas as denominações religiosas, não obstante o catolicismo seja proeminente.

No que diz respeito à comunidade surda do Cariri, Oliveira (2020) afirma que as primeiras iniciativas que contribuíram para sua formação (educacional e religiosa) se deram a partir dos anos 1980, por meio da vinda de religiosos protestantes (missionários norte-americanos) que tinham experiência com comunidades surdas. As ações eram

desenvolvidas pelo Seminário Batista do Cariri. Dessa forma, as religiões de matriz protestante, até os dias de hoje, possuem significativa aderência da comunidade surda na região.

As falas de Paulo Gustavo reforçam a percepção de que muitas tradições religiosas realizam interpretações dos textos sagrados de forma implacável, condenando as identidades que destoam da heteronormatividade. Ao fazê-lo, as denominações religiosas marginalizam as pessoas LGBTQIAPN+, alimentando e fomentando espaços sociais hostis. Valores positivos como o amor, a compaixão e o respeito são ignorados, dando espaço para uma repressão que ratifica o estigma, a culpa e a vergonha das pessoas LGBTQIAPN+ a partir do subterfúgio discursivo do “bem” e do “mal”, do “pecado” e do “perdão”, do “céu” e do “inferno”, etc. De acordo com Silvestre (2014, p. 97):

Muita coisa se modificou, nesta sociedade fragmentada, porém o tema da sexualidade ainda está carregado de preconceitos e pudores que ocasionam, conseqüentemente, a repressão incentivada por alguns comportamentos que decorrem também de um equivocado discurso, seja religioso, seja ideológico, que pode acabar por desvalorizar ou deslegitimar o outro. Dessa forma, prega-se uma igualdade útil apenas para aqueles que dominam, ou aqueles que possuem o poder sobre os outros.

Desse modo, essa repressão religiosa sobre a homossexualidade gera conseqüências físicas e mentais sobre a comunidade LGBTQIAPN+, contribuindo para uma situação cíclica de preconceito, discriminação e exclusão. A saúde mental desses sujeitos é afetada de forma significativa, fazendo com que muitos neguem a si próprios ou se escondam, como fazia Paulo Gustavo. Esse conflito interno pode gerar baixa autoestima, ansiedade, depressão e até mesmo comportamentos suicidas, levando alguns a consumir o ato e ceifar a própria vida. Paulo Gustavo relata como se deu sua inserção nas questões de sexualidade diante de uma comunidade surda conservadora e o modo como lidava com o preconceito:

“Sim, eu tenho muita dificuldade, porque a maioria da comunidade surda aqui em Juazeiro é religiosa: tem católicos, evangélicos, testemunhas de Jeová. A maioria é evangélica, por isso que eu participava, porque é um grupo maior, então tem um forte preconceito. Eu tinha medo e ficava me escondendo, porque eu queria ficar junto dos meus amigos, tinha medo de falar que sou gay. Há poucas informações acessíveis. Zero, zero. Sobre a passeata LGBTQIAPN+, eu fiquei curioso, fui só ver, achei lindo! Perfeito! Falavam do amor, e eu escondido [pausa]. Depois eu participei da passeata do Crato, minha amiga intérprete me viu e disse: – ‘Paulo Gustavo? Participando da passeata?’ Eu fiquei muito envergonhado, triste, muito envergonhado

por causa do preconceito, porque eu não me aceitava como gay” (Paulo Gustavo, 06/10/2023).

Ao refletir sobre comportamentos como os de Paulo Gustavo em momentos de conflito interno, durante os quais se busca saber quem se é, obter respostas e o olhar do outro sobre si, Abreu, Silva e Zuchiwschi (2015, p. 618) esclarecem que

Os surdos homossexuais vivem a condição de (dupla) subalternidade social, preferindo esconder a orientação sexual como forma de manter sua segurança e resguardar-se perante o olhar da comunidade surda. Há um temor confesso de que a sua homossexualidade seja descoberta, o que traz prejuízos sociais e psicológicos.

Percebe-se que a escassez de informações em Juazeiro do Norte e o preconceito enfrentado faziam com que Paulo Gustavo se empenhasse em tentar compreender o que acontecia naquele universo pelo qual se sentia atraído, porém recuava diante do que poderiam falar sobre ele. Divergir da heteronormatividade é destoar do padrão imposto pela sociedade, o que gera um sentimento de vergonha, tristeza e medo no sujeito surdo, pois, “[...] se o padrão cis-heteronormativo é o padrão aceito pela sociedade majoritária, ele serve como o parâmetro de como devemos nos portar e qualquer coisa fora disso é desviante, é estigmatizada” (Cabral; Dias, 2021, p. 115).

Diante disso, as instituições religiosas e as correntes teológicas, que possuem grande poder de influência sobre a sociedade – e a comunidade surda não está aquém disso –, deveriam reconsiderar suas abordagens, reconhecendo e respeitando com valores positivos a diversidade sexual e promovendo mensagens de inclusão, a fim de que as pessoas possam vivenciar sua fé e sua sexualidade de forma harmônica e digna.

Além do medo suscitado em Paulo Gustavo, o contexto religioso em que ele estava inserido certamente inibiu discussões sobre autoconhecimento acerca da sexualidade e educação sexual para a comunidade surda local. Sobre a dificuldade em obter informações inclusivas, os relatos de Paulo Gustavo demonstram que a questão vai além da barreira linguística, visto que o preconceito também era um dos principais obstáculos para tal.

No entanto, apesar de todas as dificuldades, dos preconceitos, das barreiras e da repressão, Paulo Gustavo consegue construir suas múltiplas identidades:

“Antes eu sentia fortemente só identidade surda; a LGBTQIAPN+ só depois. Demorou, porque só encontrei a identidade LGBTQIAPN+ depois. Agora eu aceito ser LGBTQIAPN+. Parece que eu tenho duas identidades, e é lindo! Identidade surda e LGBT! Eu sinto orgulho! Mas eu estou preocupado com outras pessoas. Não, é importante mostrar. As

peessoas falam que, primeiramente, é sempre a identidade surda, então, eu preciso dizer: – ‘Olha, eu tenho outra identidade, preciso avisar’! As duas precisam estar juntas, é importante mostrar! Se uma pessoa fala: – ‘Ah, é gay’, como eu vou enfrentar? Impondo-me! As duas identidades precisam estar juntas!” (Paulo Gustavo, 06/10/2023).

Paulo Gustavo se entendia apenas como sujeito surdo, depois buscou entender e explorar sua sexualidade, entendendo-se como sujeito gay, possuidor de duas identidades – além de outras que certamente o interseccionam –, das quais ele se orgulha, o que o levou a compreender que não precisa enxergar nenhuma delas como inferior. Melo (2021, p. 25) assegura que “[...] estamos sempre passíveis de transformação, logo as identidades são instáveis também. Não existe um momento fixo onde são dadas as identidades”. Essas identidades coexistem em um único ser e precisam ser vistas a partir da diferença, para assim potencializar a sua vivência enquanto indivíduo diferente. Breche (2005, p. 25) assevera que “[...] a identidade agora considerada ilimitada, passa a constituir-se a partir da diferença, daquilo que ela não é, mas que a identifica, dando-lhe condições para existir”.

Com todas essas discussões, é notável que as descobertas de Paulo Gustavo, tanto como sujeito surdo quanto como sujeito gay, foram tardias. Isso pode ser atribuído aos preconceitos que o atravessam cotidianamente, que fizeram sua vivência ser silenciada e invisibilizada. Contudo, apesar das barreiras encontradas, essas múltiplas identidades permitiram que ele se encontrasse, se entendesse e se aceitasse, além de mostrar-se como é de fato para sua comunidade, não apenas como surdo, mas também como gay, podendo vir a se tornar uma referência para os demais pares surdos em Juazeiro do Norte.

Considerações finais

Diante das análises e discussões acerca da vivência de Paulo Gustavo, podemos perceber que sua trajetória enquanto sujeito surdo e gay foi cercada de medo, preconceitos, silenciamentos e repressão, o que culminou em um processo tardio de construção de suas identidades, tanto com relação à sua língua natural como em relação à sexualidade. Contudo, mesmo tendo informações por iniciativa própria, nas redes sociais e em comunidades surdas de outros estados, ou seja, com pares surdos de outras localidades, o sujeito da pesquisa conseguiu romper com diversas barreiras impostas a ele, de cunho linguístico, social e religioso.

A falta de informações sobre as questões de sexualidade na escola também é percebida neste artigo como um problema da educação brasileira que diz respeito a

todos(as) estudantes, visto que, por questões morais e religiosas, deixa de levar discussões fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade inclusiva, que respeita as diferenças.

O recorte territorial, isto é, o fato de o sujeito da pesquisa estar inserido no contexto de Juazeiro do Norte e em uma comunidade surda local revela-nos que o conservadorismo religioso contribui para que identidades sexuais diversas da heteronormatividade sejam silenciadas e até mesmo violentadas, afetando a saúde mental e outros aspectos da vida das pessoas. Contudo, é preciso considerar que Juazeiro do Norte e a comunidade surda local não constituem uma realidade à parte, pois a intolerância e a homofobia existem em diferentes níveis, em qualquer lugar do Brasil e do mundo. O destaque se deve à percepção do próprio sujeito acerca do comportamento social que ocorre em torno de si.

Consideramos que a ênfase na dupla experiência identitária do sujeito pesquisado, ou seja, a interseccionalidade de suas identidades destoantes, em seu contexto local, faz com que a discussão da sexualidade passe a figurar em pautas fundamentais dentro da comunidade surda, que, muitas vezes, concentra seus debates em torno da temática linguística e cultural, sobretudo pelo histórico de exclusão que sofrem as pessoas surdas por conta de sua língua. Ademais, chamamos atenção para o fato de a educação sexual ser essencial para o conhecimento de todas as pessoas, portanto deve contemplar também as pessoas surdas, por meio da língua de sinais, visto que algumas iniciativas podem ser percebidas, mas nem sempre são linguisticamente acessíveis para a comunidade surda.

Por fim, parafraseando o protagonista desta pesquisa: ter duas (ou mais) identidades é lindo! É preciso ter orgulho e não se preocupar com as outras pessoas. É importante mostrar!

Referências

ABREU, Fabrício Santos Dias de; SILVA, Daniele Nunes Henrique. Sexualidade, escola e surdez: processos de escolarização de surdos homossexuais. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO*, 10. 2013, Florianópolis. *Anais* [...]. Florianópolis: [s. n.], 2013. p. 1-12. Disponível em: https://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1380838006_A_RQUIVO_TEXTO_FAZENDOGENERO_final.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023.

ABREU, Fabrício Santos Dias; SILVA, Daniele Nunes Henrique; ZUCHIWSCHI, José. Surdos e homossexuais: a (des) coberta de trajetórias silenciadas. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 607-620, 2015. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X2015000300007. Acesso em: 20 mar. 2023.

BECHE, Rose Clér Estivaleta. *A sexualidade do surdo: retalhos silenciosos na constituição da sua identidade*. 2005. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_87151fb3b1a121780eefc5d9254a765f. Acesso em: 20 mar. 2023.

BISOL, Claudia Alquati. *Adolescer no contexto da surdez: questões sobre a sexualidade*. 2008. 130 f. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/14290>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BOAVENTURA, Thiago. Experiências de Surdos gays: Panorama das pesquisas e produções. In: REUNIÃO DA ANPED SUL, 12. 2018, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: UFRGS, 2018. p. 1-5. Disponível em: http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/2/2489-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023.

BOAVENTURA, Thiago. *A (des)construção da identidade/diferença através da normalidade: surdez e homossexualidade*. 2019. 138f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/66059/R%20-%20D%20-%20THIAGO%20BOAVENTURA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BRASIL. Lei Complementar nº 195, de 8 de julho de 2022. Dispõe sobre apoio financeiro da União aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios para garantir ações emergenciais direcionadas ao setor cultural; altera a Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000 (Lei de Responsabilidade Fiscal), para não contabilizar na meta de resultado primário as transferências federais aos demais entes da Federação para enfrentamento das consequências sociais e econômicas no setor cultural decorrentes de calamidades públicas ou pandemias; e altera a Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991, para atribuir outras fontes de recursos ao Fundo Nacional da Cultura (FNC). *Diário Oficial da União*: Brasília, Seção, p. 1, 8 jul. 2022. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leicom/2022/leicomplementar-195-8-julho-2022-792962-norma-pl.html>. Acesso em: 20 mar. 2023.

CABRAL, Rebeca Garcia; DIAS, Pâmela da Conceição Silva. “Tem bicha surda aí?": reflexões sobre a potência da comunidade surda LGBTQIA+. *Revista COR LGBTQIA+*, Curitiba, v. 1, n. 3, p. 110-130, jul. 2022. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/CORLGBTI/article/view/549>. Acesso em: 20 mar. 2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. *In*: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2009. p. 13-52.

LEITE JUNIOR, Francisco Francinete; OLIVEIRA, João Batista Monte; CAVALCANTE JUNIOR, Pedro João. Amor em silêncio: a construção da sexualidade em pessoas surdas. *Cenas Educacionais*, Caetité, v. 4, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11876/8624>. Acesso em: 20 mar. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, Gênero e Sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. *In*: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: um Debate Contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 43-53.

MATEUS, Idris Bonilha. *Surdez e transgeneridade: afastamentos e aproximações*. 2022. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Libras) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/17042/TCC%20Idris.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 mar. 2023.

MELO, Ádhyia Alves Moura de. *A vivência de uma surda bissexual: um estudo de caso*. 2021. 51 f. Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/27918/1/2019_AdhyaAlvesMouraMelo_tcc.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023.

NASCIMENTO, Gabriel Silva Xavier. “Além de surdo é bicha?!” e, olhe a outra, “além de surda, sapatão!”: por uma historiografia de surdos gays e lésbicas a partir dos congressos da Rainbow Alliance of the Deaf. *Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, Cuiabá, v. 9, n. 21, p. 95-110, 2022. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fperiodicoscientificos.ufmt.br%2Ffojs%2Findex.php%2Ffaceno%2Farticle%2Fview%2F13769%2F11764&psig=AOvVaw0FWDetbVyz6mURXxOGrLdN&ust=1717083927436000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CAcQrpoMahcKEwjo4oyemrOGAxUAAAAAHQAAAAAQBA>. Acesso em: 20 mar. 2023.

OLIVEIRA, Mardônio dos Santos Aguiar de. *Preconceito e discriminação em histórias sinalizadas surdas em Juazeiro do Norte-CE*. 2020. 110f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Regional do Cariri, Crato, 2020. Disponível em: http://www.urca.br/mpe/wp-content/uploads/sites/14/2021/07/disser_mardonio.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. *O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade*. 1998. 156 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5880>. Acesso em: 20 mar. 2023.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. *Ponto de Vista*, Florianópolis, n. 5, p. 217-226, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282>. Acesso em: 20 mar. 2023.

ROMÁRIO, Lucas. *Pedagogia surda: cultura, diferença e construção de identidades*. Curitiba: CRV, 2018.

ROSA, Eli Bruno Prado Rocha. Cisheteronormatividade como instituição total. *Cadernos PET-Filosofia*, Curitiba, v. 18, n. 2, p. 59-93, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/petfilo/article/view/68171>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SCOTT, Joan Wallach. Deconstructing equality-versus-difference: or the uses of poststructuralist theory for feminism. *Feminist Studies*, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 33-50, Spring 1999. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/abs/postmodern-turn/deconstructing-equality-versus-difference-or-the-uses-of-poststructuralist-theory-for-feminism/BFE65E07F3FA7CEF41492A3A4AEF6D45>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-32.

SILVESTRE, Joubert. *Os entre-lugares: um olhar sobre sujeitos surdos-homossexuais*. 2014. 163f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/c6629e0f-4975-4ca5-b49f-d650cef79946>. Acesso em: 20 mar. 2023.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

VITTURINO, Léo. Sexualidade/Libras. *YouTube*, Canal Léo Vitturino, [S. l.], 22 mar. 2019. 1 vídeo (6'40''). Col. Som. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hlknHYp2WOs>. Acessado em: 28 de maio de 2024.

WITCHES, Pedro Henrique. Gênero e sexualidade em educação de surdos. *Rev. Educ., Cult. Soc.*, Sinop, v. 7, n. 1, p. 75-88, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/recs/article/view/8188>. Acesso em: 20 mar. 2023.

Recebido em maio de 2024.

Aprovado em julho de 2024.